

A RELAÇÃO DOCENTE/DISCENTE NOS QUADRINHOS

Mayara Barbosa Tavares¹
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes²

Resumo: O estudo tem como objetivo analisar os discursos sobre a relação entre o docente e o discente nos quadrinhos de *Calvin e Hobbes* (Bill Watterson), de *Mafalda* (Quino) e de *Chico Bento* (Maurício de Sousa). Nosso embasamento teórico é a Análise do Discurso de orientação francesa, com foco nas obras de Michel Pêcheux (1990a; 1990b; 1999; 2006; 2009); e a teoria da Educação, embasada em Paulo Freire (1987; 1991; 1996; 1997) e outros. A pesquisa realizada é qualitativa, com método interpretativista. É utilizada a metodologia de análise de documentos – histórias em quadrinhos. Nos quadrinhos de *Calvin e Hobbes*, *Mafalda* e *Chico Bento*, é perceptível a predominância da abordagem tradicional de ensino e aprendizado. Verifica-se a ironização e o questionamento da abordagem tradicional de ensino, o que ocasiona na aproximação com a aceção sócio-cultural, preconizada por Paulo Freire, que objetiva auxiliar na formação de sujeitos autônomos, críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Quadrinhos, Discurso, Educação.

INTRODUÇÃO

Os quadrinhos, a nosso ver, são mais do que simples entretenimento, são também uma forma de expressar críticas e possibilitar reflexões acerca dos discursos construídos sócio-histórica e ideologicamente, em especial, sobre o âmbito educacional.

Nosso objeto de estudo é a investigação dos discursos sobre a educação, com foco na relação professor/aluno. Para tanto, selecionamos algumas histórias em quadrinhos dos personagens *Calvin e Hobbes*, de Bill Watterson; *Mafalda*, de Quino; e *Chico Bento*, de Maurício de Sousa. Tem-se como fundamentação teórica a Análise do Discurso de orientação francesa, com foco nas obras de Michel Pêcheux (1990a; 1990b; 1999; 2006; 2009). E, para refletir sobre a teoria da Educação, nos embasamos em Paulo Freire (1979; 1987; 1991; 1996; 1997), dentre outros.

No que se refere à metodologia, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, pois, segundo Denzin e Lincoln (2006), trata de um campo interdisciplinar que atravessa as ciências humanas, sociais e físicas. A pesquisa qualitativa é concebida como um conjunto de atividades interpretativas, com foco multiparadigmático, que possibilita aos seus praticantes

¹ Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, bolsista da CAPES e membro do grupo de estudos Criarcontexto. Contato: mayarabtav@hotmail.com

² Orientadora e Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística.

um compromisso com a perspectiva naturalista e com a compreensão interpretativa da experiência humana. Em outras palavras, dentro da concepção qualitativa, observamos os quadrinhos com o intuito de descrevermos e interpretarmos os discursos que retratam a educação escolar, a relação entre docente e discente.

Para a realização das análises, cujo método é interpretativista, é utilizada exclusivamente a metodologia de análise de documentos. Um documento, em consonância com Duffy (2008), é uma impressão deixada em um objeto físico, por um ser humano, como por exemplo, fotografias, textos, vídeos ou história em quadrinhos, sendo essa última o *corpus* para a pesquisa, definida como um tipo de documento de mídia, publicada em *sites*, via *internet* e/ou em revistas, gibis.

A RELAÇÃO DOCENTE/ DISCENTE EM *CALVIN E HOBBS*, *MAFALDA*, *CHICO BENTO*

Na tira em quadrinhos (figura 1), a professora Hemengarda pede que Calvin cante o hino nacional na frente da turma. No entanto, Calvin, ao contrário do que espera sua professora – um espírito nacionalista e de obediência por parte do aluno –, responde energeticamente que não cantará o hino e prossegue com seus habituais protestos e reivindicações constantes.



Figura 1 – Calvin e Hobbes (Bill Watterson) - Site de relacionamento Facebook – Acesso em: 15/9/2012

No segundo e no terceiro quadrinho, há a materialização dos discursos acerca da lei, em especial, dos direitos da criança e do adolescente. Se pensarmos nas condições de produção que perpassam a construção da tira em quadrinhos, podemos visualizar que os

discursos que permeiam os direitos das crianças são relativamente recentes, aproximadamente três décadas. Antigamente, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, um indivíduo a ser moldado pelos adultos e, em consequência, os “direitos” infantis restringiam-se à obediência aos adultos. Concepção que coincide com os pressupostos da abordagem tradicional de ensino, esboçada por Mizukami (1986).

Atualmente, é possível observarmos a irrupção de discursos que preconizam e normatização que as crianças, pessoas em desenvolvimento, como afirma o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8.069/90, devem ser extremamente amparadas, protegidas e devem ter garantidos os seus direitos à liberdade, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. Logo, tal incursão de discursos propicia outros discursos, como, na tira em análise, o fato de a criança, Calvin, se recusar veementemente a participar da aula, a obedecer à docente, a cantar o hino nacional.

Calvin, enquanto uma criança, uma pessoa em desenvolvimento, aparenta ter amplo conhecimento de seus direitos e a partir do discurso normatizador da lei, o garoto ironicamente reverte a situação em sala de aula. Por exemplo, a lei preconiza que toda criança tem direito à educação e que os pais, o Estado e os professores têm o dever de garantir este direito, contudo, Calvin vale-se de outros direitos, como o de não ser obrigado, coagido, a fazer nada que ele não queira, para argumentar a seu próprio favor.

No segundo quadrinho, tem-se a indagação, feita por Calvin, *Qual é a sua jurisprudência pra isso?*, direcionada à professora. Há então, a partir das relações entre os discursos relacionados à educação e ao direito, o questionamento do conhecimento da docente sobre as leis. Pois, ao refletir acerca da situação materializada nos quadrinhos – o ato de cantar o hino correlacionado à obrigatoriedade e à punição –, embasada na concepção tradicional de ensino/aprendizado, é possível visualizar que o aluno contesta a “autoridade” da docente em sala de aula, o que reafirma também o discurso da resistência por parte do discente. Esta atitude de Calvin representa, a nosso ver, uma postura condizente com alguns aspectos presentes na abordagem sócio-cultural de ensino, pois o aluno nega uma atitude meramente reprodutora de concepções existentes, condicionantes e, por vezes, repressoras. Em outros termos, Calvin nega um posicionamento de passividade frente aos ditames da docente, expresso na tira pela obrigatoriedade em cantar o hino nacional e pela punição devido à desobediência.

Após fazer a indagação, sem esperar respostas, Calvin afirma que ninguém pode lhe obrigar a fazer nada que ele não queira, pois ele conhece os seus direitos estabelecidos no

estatuto da criança e do adolescente. O que explicita a relação interdiscursiva entre a educação escolar, os direitos infantis e a autoridade docente.

No terceiro quadrinho, Calvin dá continuidade à sua argumentação e à sua justificativa em se recusar a cantar o hino. Para isso, a criança retoma o discurso da repressão sofrida por parte de seus pais, que por serem obrigados a levarem as crianças para a escola, o obriga a frequentar a escola contra a sua vontade, atitude que, para Calvin, fere os seus direitos infantis, especialmente, o direito à liberdade de escolha, no caso em análise, a opção por não frequentar a instituição escola.

Na sequência, há a materialização, no enunciado de Calvin, do discurso da educação escolar com intuítos meramente estatísticos, que são mensurados por meio de pesquisas, que certamente não priorizam a qualidade e a efetividade do ensino/aprendizado, mas sim números, quantidade. O que nos propicia estabelecer relações interdiscursivas a partir do atual contexto educacional brasileiro, pois é sabido, especialmente por nós profissionais da educação, que há uma tendência geral, por parte dos atuais governantes, em priorizar números, porcentagens e estatísticas em detrimento da real qualidade do ensino e aprendizado escolar.

Desse modo, tem-se materializado no segundo e no terceiro quadrinho a formação discursiva (FD) da educação escolar como repressora, a qual, na figura da docente, é caracterizada pela obrigatoriedade dos alunos fazerem atividades que lhes desagradam e inibem sua liberdade de expressão e de escolha, assertivas que ferem alguns dos direitos infantis.

Já no primeiro e no último quadrinho há indícios, a nosso ver, de uma FD embasada na concepção de ensino e aprendizado tradicional, pois tem-se a materialização da autoridade docente em indicar, em tom de obrigatoriedade, alunos para a realização de atividades escolares e caso haja desobediência por parte do aluno, a punição se faz necessária, concretizada na ação de retirar o aluno da sala de aula e encaminhá-lo ao diretor, à autoridade máxima dentro de uma escola, para a aplicação das devidas penalidades – advertência, suspensão, convocação de pais, dentre outros.

Na tira em quadrinhos (figura 2), tem-se a recepção dos alunos, no “lendário” primeiro dia de aula, que representa o marco inicial na vida estudantil.



Figura 2 - *Toda Mafalda* (Quino, 1993)

No primeiro e no segundo quadro, uma professora, possivelmente a diretora, direciona as seguintes palavras aos alunos: ... *E vocês, que estão vindo pela primeira vez a este templo do saber, certamente encontrarão aqui um segundo lar...onde cada professora lhes dará aquilo que toda mãe dá aos filhos: AMOR*. A partir desse enunciado tem-se a formação discursiva da relação intrínseca entre o ato de dar aulas e o ato de criar os filhos, cuja tarefa é designada, na tira, às mulheres. Logo, há a retomada do discurso de que a professora deve ser a mãe dos alunos na escola. Fato que ocasiona em uma série de discursos como: a desvalorização da profissão docente e a confusão entre ensinar e educar, delimitados a seguir.

Inicialmente, há o discurso da desvalorização docente, pois ao afirmar que a professora é responsável por dar amor aos alunos, assim como uma mãe, há um direcionamento para o discurso da “docência como um dom” e não como uma profissão. Pois, assim como a maternidade é um dom, a docência também deve ser, independentemente da qualificação profissional, do retorno financeiro, dentre outros.

Tem-se assim reforçado a FD que correlaciona o ato de ser professora com o de ser mãe, o que reforça a desvalorização do trabalho docente, pois como afirma Freire (1997, p.08), “a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo”. Assim, a docência é uma tarefa profissional que exige militância e especificidade em seu cumprimento, enquanto ser mãe é viver uma relação de parentesco e não uma profissão.

Em consequência, há a confusão entre o ato de ensinar e o ato de educar. Para nós, ensinar implica no ensino e no aprendizado de conhecimentos diversos relacionados, geralmente, a dados campos do saber como as ciências humanas, sociais, exatas, linguísticas e

outros. Já educar, cabe, prioritamente, aos pais, o que implica na socialização da criança e/ou adolescente à vida em sociedade, com seus direitos e deveres.

Assim, há também a FD de que a docência não é propriamente uma profissão, mas sim uma extensão da casa do aluno, local em que as docentes devem cuidar dos alunos como se fossem seus filhos, dando a eles muito amor. O que ocasiona no desmerecimento, na desvalorização social da profissão.

Já no último quadrinho, Mafalda ironiza a fala da diretora, ao pronunciar *Ainda bem. Achei que ela ia dizer sopa!* O que a partir das condições de produção permite compreender o efeito de sentido que retoma o ato constante de sua mãe obrigá-la a comer sopa.

Na história em quadrinhos (figura 3) a professora, Dona Marocas, direciona à classe uma série de perguntas sobre quem foi o descobridor do Brasil, da eletricidade, do avião e da América. E, em consequência, obtém, por parte dos alunos, as respostas almejadas.



66 MAURÍCIO DE SOUSA | PRODUÇÕES

Figura 3 - Chico Bento (Maurício de Sousa) – Site de busca Google. Acesso em: 24/8/2012

Marocas ao indagar quem descobriu o Brasil, a eletricidade e quem inventou o avião, obtém como respostas, respectivamente, Pedro Álvares Cabral, Benjamin Franklin e Santos Dumont. Metodologia de ensino/aprendizagem embasada em perguntas por parte da professora e em respostas por parte dos alunos.

Logo em seguida, a professora, aparentemente irritada, resolve indagar o aluno Chico acerca de seus conhecimentos históricos, pois ele não respondeu, de maneira espontânea, nenhuma das perguntas elaboradas por ela. Após o questionamento de Marocas, Chico Bento responde que não sabe de nada e ironiza a prática questionadora da docente, ao afirmar que não faz perguntas a outras pessoas acerca de fatos que ele desconhece. Em outros termos, Chico ironiza a metodologia utilizada pela professora para, provavelmente, se esquivar da interação proposta, pois, de acordo com as condições de produção, é observável que Chico Bento é um aluno pouco estudioso e tenta ludibriar sua professora para escapar de suas “obrigações” estudantis.

A nosso ver, a metodologia usada pela professora, explicitada por Chico, corresponde à abordagem sócio-cultural de ensino, pois ao questionar e dar voz aos seus discentes, a professora compartilha de uma aceção interacionista, dialógica entre os sujeitos, os objetos e o mundo, o que é essencial para o ensino e a aprendizagem eficaz do sujeito, que se encontra situado em dado contexto sócio-histórico e ideológico.

Ao incitar o diálogo por parte dos alunos, a professora inicia o processo de interação entre ela e seus discentes, demonstrando que não há, necessariamente, uma hierarquia no ensino e aprendizado, pois ao dar voz aos seus discentes, podemos visualizar que a docente acredita que eles são construtores de seu aprendizado e por isso, são incitados a falar durante as aulas. Tem-se assim, a FD da educação escolar como dialógica e interativa entre professores, alunos e sociedade. O que demonstra uma possível perspectiva renovada de educação escolar.

No entanto, pode-se observar outros efeitos de sentidos, que desembocam também na FD do ensino/aprendizado embasado na autoridade docente em indicar e até mesmo obrigar os alunos a responderem as questões pré-estabelecidas, que são propostas em sala de aula. Formação discursiva perceptível também nos quadrinhos de Calvin, figura 1, em que a professora Hermengarda solicita a participação do aluno para que ele cante o hino nacional, causando a revolta e os protestos de Calvin.

Já a fala de Chico Bento não condiz com os prováveis intuítos docentes – a promoção o diálogo entre professor-aluno –, pois ele insinua que a professora faz tais perguntas devido ao fato de ela não saber as respostas. O que arrebatou o senso comum do “professor que sabe tudo” e retoma, por outro viés, a não hierarquização do ensino e da aprendizagem. Há então a FD da educação escolar como não hierarquizada, constituída por sujeitos em formação, não detentores de plenos saberes.

Tem-se assim, na tira em quadrinhos variados efeitos sentidos materializados nas falas dos personagens, o que ocasiona em relações interdiscursivas e formações discursivas heterogêneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises realizadas ao longo do estudo, é perceptível aproximações entre as HQs *Calvin e Hobbes*, *Mafalda* e *Chico Bento*, como a crítica à abordagem tradicional de ensino e aprendizado, pois tem-se a recorrência de seus postulados, como a hierarquização vertical da relação professor e aluno. O professor é visto como autoridade, como detentor e transferidor do conhecimento. Já o aluno é concebido como receptor passivo de tais conhecimentos, cuja função é apenas repetir o que foi “aprendido”.

Em consequência, no que tange ao ensino/aprendizado tradicional há, nas tiras analisadas, a crítica à educação repressora, embasada, principalmente, na autoridade docente.

Muitas vezes, é possível relacionar as tiras em quadrinhos de *Calvin e Hobbes*, *Mafalda* e *Chico Bento*, por meio dos discursos e das FDs direcionadas à acepção tradicional em tom de ironia e/ou crítica, com a abordagem sócio-cultural de ensino/aprendizado, embasada, principalmente, nas obras de Paulo Freire (1979; 1987; 1991; 1996; 1997). Essa abordagem sócio-cultural objetiva auxiliar na formação de sujeitos autônomos, críticos e reflexivos, que interajam e ajam em benefício do bem estar social, do contexto de inserção. Por isso, frisa a importância da interação entre professor e aluno, pois a educação escolar necessita das contribuições e interações entre os docentes, os alunos e a sociedade, para a construção contínua do conhecimento, o que caracteriza a relação professor-aluno como horizontal e não imposta.

Assim, podemos considerar que os personagens Calvin, Mafalda e Chico Bento, apesar de serem expostos, cotidianamente, à educação escolar tradicional, demonstram capacidade de argumentação, de resistência e de enfrentamento à acepção tradicional, são alunos que questionam e refletem sobre o contexto da educação escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei 8.069*, de 13 de julho de 1990. Disponível em: www.planalto.gov.br/legislação. Acesso em: 10 out. 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Traduzido por Sandra R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUFFY, B. Análise de evidências documentais. In: BELL, J. *Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. Trad. Magda F. Lopes. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.107-117.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler – em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Trad. Moacir Gadotti e Lílian L. Martins. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Professora sim, Tia não*. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MIZUKAMI, M.G.N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni. P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). Trad. Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Unicamp, 1990a. p. 311-318.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990b. p. 75-87.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des) conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1966. p. 143-166.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD (et al.). *Papel da Memória*. Trad. J.H. Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p.49-57.

QUINO. *Toda Mafalda*. Trad. Andrea S. M. da Silva et. al. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOUSA, M. *Chico Bento*. Disponível em: http://www.google.com.br/search?tbm=isch&hl=pt-BR&source=hp&biw=1366&bih=647&q=chico+bento&gbv=2&oq=chico+bento&aq=f&aql=&gs_l=img.3...309.2211.0.2584.11.7.0.4.4.0.254.1198.1j3j3.7.0...0.0.M2xopGG2_7w. Acesso em: 20 maio 2012.

SOUSA, M. *Turma da Mônica*. Disponível em: <http://www.monica.com.br/personag/turma/chicoben.htm>. Acesso em: 24 jun. 2012.

WATTERSON. *Calvin e Hobbes*. Disponível em: <https://www.facebook.com/#!/DepositoDeTirinhas>. Acesso em: 20 maio 2012.

WATTERSON. *Calvin e Hobbes*. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/coletaneas/calvin-seus-amigos-428892.shtml>. Acesso em: 20 maio 2012.